

JOANA, ENTRE O SER E O TORNAR-SE: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO E A VIAGEM EM *PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM*

Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres
Mestranda em Letras – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Resumo: Estudo da representação de gênero na literatura brasileira. O presente trabalho inscreve-se como análise de caráter teórico-crítico da representação do feminino na obra de Clarice Lispector, particularmente, no romance *Perto do coração selvagem*. Toma-se como ponto de partida as teorias de gênero de autores consagrados na área da crítica literária feminista, para traçar o perfil de personagens clariceanas de que são exemplares os retratos de Joana, protagonista da obra em foco. Além disso, analisa-se a viagem, elemento mítico que permeia o universo da personagem estudada. Portanto, tem-se como suporte teórico os estudos de Elódia Xavier, Simone de Beauvoir para o estudo das questões ligadas ao gênero; e Jean Chevalier, Mircea Eliade e outros estudiosos para subsidiar o estudo do mito da viagem na obra em análise.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Gênero. Viagem.

Abstract: A study on gender representation in Brazilian literature. This paper consists of an theoretical critical analysis of the femine's representations in the works of Clarice Lispector, particularly in the romance *Perto do coração selvagem*. The starting point are the Gender Theories of canonical authors of feminist literary criticism, chosen in order to trace the figure of claricean characters, of which are representative the literary portraits of Joana, the protagonist in focus. Moreover, the journey, the mythical element that permeates the universe of the character, is analysed. Thus are used as theoretical support the studies of Elódia Xavier and Simone de Beauvoir regarding aspects linked to Gender Theory, as well as the studies of Jean Chevalier, Mircea Eliade and other scholars regarding the myth of the journey in this romance.

Keywords: Clarice Lispector; Gender; Journey.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Perto do coração selvagem é a obra inaugural de Clarice Lispector no que se refere a sua produção literária. Este romance representou uma renovação no regionalismo brasileiro, iniciado na década de 30, pois sua estrutura perpassa características próprias da autora. Desde seu primeiro texto, Clarice traz à tona as questões ligadas ao feminino, ao questionamento das identidades socialmente construídas e à desconstrução da fragilidade da mulher.

Conforme afirma Rosenbaum (2002), o romance *Perto do coração selvagem* foi composto pela ordenação das notas, impressões que, por hábito, Clarice registrava em guardanapos, tíquetes e outros. Essa se tornou uma característica marcante da escrita ao longo de sua produção. Narrado em terceira pessoa, o romance em estudo revela o interior das personagens, sobretudo da protagonista Joana, que, por meio de suas memórias, vai trazendo à tona experiências ora enquanto criança, ora enquanto adulta, não existindo uma ordem cronológica na estruturação dos capítulos da obra. Elza, mãe da personagem, morreu muito

cedo. O pai, que também faleceu quando Joana ainda era criança, consiste numa das figuras adultas marcantes para sua infância. Órfã, Joana vai para casa dos tios, estabelecendo uma relação conturbada com a tia. A tensão entre ambas chega a seu ápice quando, ao saírem para fazer compras, Joana rouba um livro e julga poder tudo. Em meio aos conflitos vividos pela protagonista, existe o professor que lhe dedica atenção, aconselhando-a.

A tia de Joana, indignada com o furto, convence o marido a mandá-la para um internato, conselho dado por um padre amigo da família. Quando sai do internato, Joana conhece Otávio e casa-se com ele. Apesar de casado, Otávio mantém um relacionamento com sua ex-noiva, Lídia, engravidando-a. Tempos depois, Joana e Otávio separam-se. Divorciada, ela passa a se relacionar com um homem desconhecido que a seguira, certa feita, mas esse logo vai embora. Joana embarca sozinha numa viagem sem destino certo, e a narrativa se encerra, no percorrer de um novo caminho em busca de si mesma.

A relação entre narrador e personagem revela uma intimidade, um acompanhamento minucioso das ações de Joana em prol do encontro de sua identidade, que consiste na tentativa de entender os inúmeros conflitos internos existenciais que permeiam seu ser. Procede aqui a recorrência de um “monólogo interior”, que, segundo Iraci Rocha (2009), consiste numa característica da modernidade, implicando numa escrita reveladora de um “[...] ‘jorrar de pensamentos’ sem organização lógica, sem as marcações pausais de pontuação e regras de sintaxe; flashes de pensamentos; aquilo que na psicologia denomina-se ‘fluxo de consciência’” (ROCHA, 2009, p. 2). Tal atitude aproxima narrador e personagem, muitas vezes não se distinguindo quem é o sujeito que fala. Clarice faz uso, inclusive, do discurso indireto-livre, estratégia linguística da narrativa moderna:

[...] a fala surge, de repente, como se fossem palavras do narrador, mas, na verdade, são as palavras do personagem. Por meio dele, o narrador pode, não apenas reproduzir indiretamente falas das personagens, mas também o que elas não falam, mas pensam, sonham, desejam, etc. (ROCHA, 2009, p. 3)

Não há uma ordem cronológica na estruturação dos capítulos da obra. Caminha-se pela infância, salta-se à vida adulta, retorna-se a infância, reflete-se a adolescência. A marca aqui é da introspecção visando a própria existência e o percorrer de um caminho à procura da identidade da protagonista.

Em resumo, o romance *Perto do Coração Selvagem* apresenta a história de Joana na procura de si. Revela ao leitor fatos e pessoas marcantes na vida da protagonista, como a infância, o casamento, as relações com o pai, com a tia, com o professor, com o marido – Otávio e sua amante – Lídia.

UM CORPO EM LIBERDADE

“Aos poucos habituou-se ao novo estado, acostumou-se a respirar, a viver. Aos poucos foi envelhecendo dentro de si, abriu os olhos e novamente era uma estátua, não mais plástica, porém definida.” (LISPECTOR, 1980, p. 106). Acostumar-se, este é o verbo empregado por Clarice para descrever o processo de disciplinamento pelo qual passaria Joana, no romance *Perto do Coração Selvagem*, com o casamento. A ancoragem feminina pelo casamento foi, por muito tempo, reflexo perfeito dos meios de controle da mulher na sociedade patriarcal, como revela Elódia Xavier (2007).

No contexto da crítica feminista, no romance em estudo, segundo Rosenbaum (2002):

A identidade feminina luta para apropriar-se de si mesma, longe do espelho masculino. Rompem-se as definições preconcebidas sobre as adequações de gênero, e o que prevalece é a desmontagem de estereótipos e máscaras de ambos os sexos (ROSENBAUM, 2002, p. 35).

Há uma recusa e crítica por parte da obra das estruturas sociais que paralisam os sujeitos. Neste sentido, “o romance parece apontar para uma nova concepção de sujeito, não mais identificado com uma racionalidade soberana, mas sim descentrado da consciência e aberto ao mundo imprevisível e ilimitado da consciência” (ROSENBAUM, 2002, p. 32).

Joana, a protagonista de *Perto do Coração Selvagem*, representa a transgressão da mulher, do ser mulher. Dessa maneira, Lispector vai desconstruindo estereótipos, vai repercutindo no indivíduo, via personagem, um senso crítico em relação à imagem do feminino. A obra incentiva a aceitação da alteridade e do valor alheio.

Quando criança, Joana, ao participar de um jantar entre o pai e um amigo, é questionada: “- Guria, guria, muria, leria, seria..., cantava o homem voltando para Joana. Que é que tu vais ser quando cresceres e fores moça e tudo?” (LISPECTOR, 1980, p. 26). O pai da criança responde: “- Quanto ao tudo ela não tem a menor idéia meu caro, declarava o pai, mas se ela não se zangar te conto seus projetos. Me disse que quando crescer vai ser herói...” (LISPECTOR, 1980, p. 26). Essas passagens deixam perceptíveis que, já na infância da personagem, Clarice constrói-lhe um caráter transgressor. O fato de querer ser herói faz com que Joana vá de encontro a uma gama de valores patriarcais, uma vez que a cultura falocêntrica convencionou a concepção de que o herói deveria ser sempre, ou quase sempre, o homem, que tem como função primordial salvar a “mocinha indefesa.”

De acordo com Sandra Almeida (1998), o nome Joana evocaria Joana D’Arc, a heroína francesa. Assim, a possibilidade de romper com os valores conservadores estaria num primeiro plano ligado ao nome da personagem. E “ao insistir em se tornar ‘herói’ Joana desconsidera as distinções de gênero que norteiam a linguagem e noções culturais e quebra com padrões preestabelecidos” (ALMEIDA, 1998, p. 194-5).

Outro fato digno de destaque, na fase infantil da protagonista do romance em questão, é quando a menina, após roubar o livro e ser repreendida pela tia, reconhece que “pode tudo.” É o que revela o trecho a seguir:

A mulher olhou-a desamparada:

- Minha filha, você é quase uma mocinha, pouco falta para ser gente... daqui a dias terá que abaixar o vestido... Eu lhe imploro: prometa que não faz mais isso, prometa, prometa em nome do pai.

Joana olhou-a com curiosidade:

- Mas se eu estou dizendo que *posso tudo*, que... – Eram inúteis as explicações. – Sim prometo. Em nome de meu pai (LISPECTOR, 1980, p.52, grifo nosso).

A citação acima esclarece a atitude de Joana para com o mundo, ela desafia os padrões do patriarcalismo que jamais daria poderes plenos à uma mulher. Tem consciência do poder e da liberdade que habitam dentro de si, o que a impede de seguir os caminhos traçados pela sociedade.

A tia de Joana aparece, nesse contexto, como uma representante do sistema de repressão, segregação e aprisionamento da mulher e da manutenção da ordem social estabelecida. Fica mais aterrorizada com a afirmação da menina que diz “poder tudo” do que com o roubo do livro. Para a tia, uma mulher deveria ser criada com vistas a se casar, seguindo o modelo de educação que ela dera sua filha, Armanda, personagem citada na história que, seguindo a conduta socialmente aceita, era muito bem casada e assim deveria se manter.

Vale lembrar que, por conta da cultura patriarcal ser o carro chefe das relações sociais no mundo, a maioria das mulheres age de forma machista e preconceituosa. E a tia de Joana enquadra-se perfeitamente neste perfil feminino. “As instituições – Família, Igreja, Escola e Estado – são agentes que contribuem para a dominação, que se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (XAVIER, 2007, p. 58). Eis a função da tia de Joana, que se tornou juntamente com o marido as únicas referências de família da personagem após a morte de seu pai.

Há por parte da tia uma tentativa de disciplinamento e subordinação da protagonista, porém quando percebe, no episódio do roubo, que não daria conta de fazê-lo, desespera-se e recorre a outras instâncias de dominação. Aconselhada por um padre, este, representando

simbolicamente o poder e a tradição da igreja, a tia resolve mandá-la para o internato. Existe aí uma cooperação das instâncias mantenedoras da dominação.

Por conta disso, Xavier (2007) diz que a família, a escola, a igreja e o estado se unem e trabalham em prol do processo de dominação do sujeito feminino o que gera um padrão de comportamento para a sociedade. Estas instâncias, de acordo com Abiahy (2006), modelam o papel social dos indivíduos, principalmente o das mulheres, relegando-lhes o espaço privado (doméstico) como campo de atuação.

Neste contexto, a escola aparece como solução para a rebeldia que a família de Joana não conseguiu conter nela:

- Sim, disse o tio devagar, o regime severo de um internato poderia amansá-la. Padre Felício tem razão. Acho que se meu irmão fosse vivo não hesitaria em matricular Joana num internato, depois de vê-la roubar... Logo esse pecado, um dos que mais ofendem a Deus... No fundo é isso o que me dói um pouco: o pai, negligente como era, não se incomodaria de mandar Joana até mesmo para um reformatório... Tenho pena de Joana, coitada. Você sabe, nós nunca teríamos internado Armanda, mesmo que ela roubasse a livraria inteira (LISPECTOR, 1980, p. 53).

O passo de enviar a menina para um internato constitui-se em mais um elemento disciplinador, representando a tentativa da família de enquadrar Joana nos padrões socialmente aceitos. O tio questiona o pai de Joana, por tê-la criada de modo tal que a levou para caminhos tortuosos, que não contemplam a lógica da cultura tradicional. Mesmo assim, o caráter transgressor de Joana, não permite que a escola exerça sua repressão de maneira a moldar sua identidade.

Ao sair do internato, casa-se com Otávio. O casamento implica numa nova provação para a protagonista de *Perto do Coração Selvagem*. Afinal de contas, o matrimônio encaminha a mulher para uma nova família. A esse respeito, Simone de Beauvoir (1980) diz que, ao se casar, a mulher deixa de pertencer ao pai, pois esse lhe entrega ao marido. Assim, ela deve se submeter à nova figura masculina. Isso, claro, de acordo com o pensamento patriarcal, que coloca a mulher sob o jugo do homem.

O peso do casamento logo recai sobre Joana:

Antes dele estava sempre de mãos estendidas e quanto oh quanto não recebia de surpresa! De violenta surpresa, como um raio de doce surpresa, como uma chuva de pequenas luzes... Agora tinha todo o seu tempo entregue a ele e os minutos que eram seus ela os sentia concedidos, partidos em pequenos cubos de gelo que devia engolir rapidamente, antes que se derretessem. E fustigando se para andar a galope: olhe, que esse tempo é liberdade! olhe, pense depressa, olhe, encontre-se depressa, olhe... acabou-se! Agora – só mais tarde, de novo a bandeja de cubinhos de gelo e você diante dela fascinada, vendo os pingos d'água já escorregaram.
Depois ele vinha. E ela repousava enfim, com um suspiro, pesadamente. – Mas não queria repousar! – O sangue corria-lhe mais vagarosamente o ritmo domesticado,

como um bicho que adestrou suas passadas para caber dentro da jaula (LISPECTOR, 1980, p. 115).

O que prevalece em Joana casada é sensação de ter pouco tempo para si mesma, pois não conseguia mais dialogar consigo com a intensidade que fazia quando solteira. Seus dias eram divididos com Otávio, embora pouco cuidasse dele. Ela declara-se aprisionada, enjaulada, e como um animal preso deseja sua liberdade.

A cada dia como casada, Joana adia uma maior procura por si mesma, apesar disso não se deixa abater.

Os dias foram correndo e ela desejava achar-se mais. Chamava-se agora fortemente e não lhe bastava respirar. A felicidade apagava-a, apagava-a... Já queria sentir-se de novo, mesmo com dor. Mas submergia cada vez mais. Amanhã, adiava, amanhã vou-me ver. O novo dia porém perpassava pela sua superfície, leve como uma tarde de estio, mal franzindo seus nervos (LISPECTOR, 1980, p. 107).

Ao refletir internamente sobre o casamento e sua consequência para o sexo feminino, Joana provoca uma reflexão acerca do social, questionando os elementos disciplinadores – igreja, família, escola. Tais questionamentos se dão, haja vista que as regras da união matrimonial atendem à cultura patriarcal, em que o papel da mulher é cuidar do outro, é reprimir-se e ser reprimida pelas instâncias de poder. Sua atitude lança um olhar crítico sobre o modo como as instituições dotadas do poder de disciplinar estruturam, ou seja, moldam a identidade feminina. Esse molde é responsável pela formatação de qualidades atribuídas ao homem e à mulher, como a “[...] polarização de qualidades ‘passivas’ como resignação, paciência, fragilidade, emocionalidade e qualidades ‘ativas’ como agressividade, força, dinamismo, que caracterizariam em termos de tipologia, o feminino e o masculino” (ROMANI, 1982, p. 65).

As inferências feitas, até então, enquadram Joana no perfil feminino que Elódia Xavier (2007) chamou de *corpo liberado*. Durante o correr da narrativa, Joana é tomada por reflexões, discussões internas em torno de si mesma na busca do autoconhecimento. Ao invés de seguir os valores que as instâncias de poder social tentaram lhe impor, Joana redescobre valores e conduz sua vida de forma transgressora.

O *corpo liberado* de Joana ousa “viver, sem repressões e sem medo, a existência com seus mistérios” (XAVIER, 2007, p. 173). Essa existência, o questionamento do ser, sempre esteve ligada ao perfil de Joana. Desse modo, esse corpo rompe com os padrões que a sociedade patriarcal estabeleceu, pois, “só pela ruptura dos vínculos sociais da ‘modernidade sólida’ é possível descortinar o caminho que conduz à libertação social” (XAVIER, 2007, p. 174).

A protagonista de *Perto do Coração Selvagem* não se enquadra na sociedade convencional, que dita como devem ser o homem e a mulher. Clarice Lispector faz brotar em Joana uma personalidade inacabada, que se constitui aos poucos e não se deixa moldar, não se permitiu alienar, pois o romance “constrói a travessia de uma heroína rumo a essa transgressão e a construção de uma identidade pautada nos valores pessoais” (SILVA, 2009, p. 36). Aqui a construção da identidade permeia um processo constante de aprimoramento e identificação do “eu”.

O *corpo liberado* não admite as identidades prontas e a “aceitação da ‘inconstância’, isto é, da fluidez, significa a liberação de esquemas predeterminados, coercitivos e repressores” (XAVIER, 2007, p. 179). Não há como negligenciar a fluidez de Joana, e é por negar fórmulas prontas que a personagem foi comparada ao homem. Ela traz em si características que a sociedade diz serem próprias do sexo masculino, como a coragem, o dinamismo, o racional e busca do conhecimento.

[...] homem assim era Joana, homem. E assim fez-se mulher e envelheceu. Acreditava-se muito poderosa e sentia-se infeliz. Tão poderosa que imaginava ter escolhido os caminhos antes de neles penetrar – e apenas com o pensamento. Tão infeliz que, julgando-se poderosa, não sabia o que fazer de seu poder e via cada minuto perdido porque não o orientara para um fim. Assim cresceu Joana, homem, fina como um pinheiro, muito corajosa também. Sua coragem desenvolvera-se dentro do quarto e à luz fechada mundos luminosos se formavam sem medo e sem pudor. Ela aprendeu desde cedo a pensar e como não vira de perto nenhum ser humano senão a si mesma, deslumbrou-se, sofreu, viveu um orgulho doloroso, às vezes leve mas quase sempre difícil de se carregar (LISPECTOR, 1980, p. 183-4).

Nesse sentido, o corpo em liberdade paga um preço por sua postura. Esse preço está associado à solidão. Desse modo, ter consciência de si e de seu corpo, seguir um caminho próprio e subverter as normas da sociedade tradicional não saíam de graça para a mulher. Não se pode perder de vista o fato de os elementos de disciplinamento e repressão social perseguirem-na, em todas as instâncias da vida. Quanto a Joana:

[...] Ninguém impedia que ela fizesse exatamente o contrário de qualquer das coisas que fosse fazer: ninguém, nada... não era obrigada a seguir o próprio começo... Doía ou alegrava? No entanto sentia que essa estranha liberdade que fora sua maldição, que nunca ligara nem a si própria, essa liberdade era o que iluminava sua matéria. E sabia que daí vinha sua vida e seus momentos de glória e daí vinha a criação de cada instante futuro (LISPECTOR, 1980, p. 210).

No desfecho da narrativa, Joana encontra-se sozinha. Na verdade, sempre estivera ausente da vida fora de si mesma e não se dera conta da solidão. Otávio, o marido, fora definitivamente para os braços de Lídia. O homem com quem se envolvera, após a separação, também partira. E Joana segue para uma viagem consigo e em busca de si mesma, já que

nunca estaria de todo pronta. Não demonstra nenhum grau de arrependimento pela vida que levava, ou desgosto por conta de sua solidão. Pelo contrário, ela mesma chegara a dizer:

Que terminaria uma vez a longa gestação da infância e de sua dolorosa imaturidade reberitaria seu próprio ser, enfim, enfim livre! Não, não, nenhum Deus, *quero estar só*. E um dia virá [...] em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! (LISPECTOR, 1980, p. 215-6, grifo nosso).

Fica o chamado de Joana, não somente para si, mas para todas as mulheres que ousarem subverter os padrões que as oprimem; para todos aqueles que não cessam o caminhar rumo à própria interioridade e não temem a liberdade. O corpo liberado “representa uma tendência social que permite às mulheres viverem plenamente ‘sua vocação humana’, sua sexualidade, enfim, sua transcendência, como queria Simone de Beauvoir” (XAVIER, 2007, p. 196). E assim fez Joana. E assim a obra de Clarice Lispector, aqui representada pelo romance *Perto do Coração Selvagem*, mostra-se intimamente ligada aos questionamentos dos padrões sociais de sua época, levando à reflexão acerca do ser mulher e das estruturas sociais que permeiam essa construção.

AS VIAGENS DE JOANA

Os mitos povoam a vida dos seres humanos nas mais diversas esferas, provocando interpretações de fatos, ações e gerando lições para a vivência das pessoas. O mito da viagem marca a trajetória da personagem Joana, em *Perto do Coração Selvagem*, além de evidenciar toda a fluidez que permeia a vida dessa personagem.

De acordo com Mircea Eliade (1972) “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1972, p. 11). Eliade abre a questão do mito a diversas possibilidades de enquadramento. Essas muitas formas de pensar a mitologia tornam relevantes os aspectos culturais que permeiam as questões sociais, além de revelar histórias que justificam a existência humana.

Joseph Campbell (1990) afirma que “os mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” (CAMPBELL, 1990, p. 17). Desse modo, a leitura ou o contato com o mito proporciona ao indivíduo o conhecimento e a experimentação de si e de sua vida.

Assim, a narrativa mítica apresenta modelos, ou seja, lições de como voltar-se para dentro de si mesmo, captando os sinais da própria existência e do mundo em volta. Já de acordo com Ítalo Calvino (1997), o mito corresponde a uma parte não explorada da história, que tem como meio de vida a palavra ou o silêncio e se manifesta nas diversas modalidades literárias.

Campbell (1990) diz, ainda, que existem duas espécies de mitologia:

[...] há duas espécies totalmente diferentes de mitologia. Há a mitologia que relaciona você com a própria natureza e com o mundo natural, de que você é parte. E há a mitologia estritamente sociológica, que liga você a uma sociedade em particular (CAMPBELL, 1990, p. 37).

Assim, caberia ao indivíduo encontrar no mito o que diz respeito a sua própria vida. Levando-se em conta o aspecto trazido por Campbell (1990), de que o mito propõe a reflexão sobre a necessidade humana de procurar sentir a experiência de estar vivo, é que se destaca a personagem central de *Perto do coração selvagem* e o seu questionar incessante da existência nas muitas viagens realizadas pelo seu interior, pela sua consciência e pela viagem de fato que ocorre, ao final do romance.

Na tradição literária ocidental, a questão da viagem foi expressa de diferentes formas. Nesse contexto, Maria Alzira Seixo (1998) afirma que ela teria sido tratada nesse meio atendendo aos interesses das culturas dominantes, que tinham interesses exploratórios e mercantilistas. Houve uma corrida pela conquista de novas terras, de novas áreas de influência principalmente por parte de países como Inglaterra, Espanha, e, no caso brasileiro, Portugal. Nesse período, destaca-se uma literatura de viagem, em que o viajante preocupou-se em registrar as impressões das travessias que realizou:

O mito conheceu primordialmente a viagem, com os *Argonautas*, e a literatura contemporânea também, com os poemas homéricos. Riqueza, domínio, laços familiares e paixão são alguns dos seus dados originais, e dos lugares terrestres, ligados pelas vias marítimas, têm como contraposição não absoluta (antes tangencial e interferente) as moradas empíricas dos deuses e alguns heróis. (SEIXO, 1998, p. 12, grifo da autora).

Advindo desde a antiguidade, o mito da viagem assumiu algumas nuances de significados que variaram conforme cada época em que foram utilizadas. Jean Chevalier (1998), no *Dicionário de Símbolos*, relata que “o simbolismo da viagem, particularmente rico, resume-se, no entanto, na busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta de um centro espiritual” (CHEVALIER, 1998, p. 951).

Nas poéticas de viagem, a ideia de movimento pode ser observada como uma constante que configura imagens, metáforas, alegorias sempre apontando para o deslocamento

e para o interesse por algo novo. A autora agrupa “a poética da viagem” em três zonas, a saber:

[...] a da viagem imaginária (que recobre mitos e textos lendários e alegóricos da Antiguidade e da Idade Média, assim como as utopias, e ainda todos os relatos de viagem da literatura mais recente sem referência de acontecimento circunstancial), a da literatura de viagens (constituída por textos directamente promovidos pelas viagens de relações comerciais e de descobrimentos, de exploração e de indagação científica, assim como pelas viagens de escritores que decidam exprimir por escrito as suas impressões referentes a percursos concretamente efectuados) e da viagem na literatura (na qual a problemática da viagem é utilizada como ingrediente literário, em termos de motivo, de imagem, de intertexto, de organização efabulativa, etc. e que está presente ao longo de toda história da literatura com particular acuidade para os séculos posteriores ao renascimento (SEIXO, 1998, p. 17).

Qual seria a viagem de Joana? E esse viajar dentro de si em prol de uma outra mais aceitável e agradável aos próprios olhos? A viagem caracteriza o desejo de mudança interior, pois indica uma insatisfação que implica no desejo e na procura por novas experiências. Na narrativa, Joana faz uma viagem a seu passado, revive a infância, a adolescência, a vida adulta e sua não realização com o casamento, o que representa a busca de um “eu” interior a fim de confrontá-lo com o outro “eu” que se deseja ser. O questionamento e revisão da identidade são apresentados por Seixo (1998), ao entender que na viagem há “a indagação da identidade, que o sentido de perda na articulação com as diferenças do outro veio acentuar” (SEIXO, 1998, p. 24).

Destaca-se, ainda, em *Perto do coração selvagem*, a temática do existencialismo, com os permanentes questionamentos acerca da eternidade apresentada por Chevalier (1998). Joana, em suas reflexões, sempre questiona o sentido da vida e discute consigo o sentido de eternidade, o ser eterna, como se pode perceber nas palavras de Clarice, no próprio romance:

Eternidade não era só tempo, mas algo como a certeza enraizadamente profunda de não poder contê-lo no corpo por causa da morte; a impossibilidade de ultrapassar a eternidade era eternidade; e também era eterno um sentimento em pureza absoluta, quase abstrato. Sobretudo dava idéia de eternidade a impossibilidade de saber quantos seres humanos se sucederiam após seu corpo, que um dia estaria distante do presente com a velocidade de um bólido (LISPECTOR, 1980, p. 44-5).

A discussão interna que permeia o pensamento sobre a eternidade na protagonista de *Perto do coração selvagem* revela que, apesar de refletir proficuamente sobre a eternidade e o sentido de ser eterna, o foco de Joana encontra-se em um caminhar à procura de descobrir algo sobre si mesma. Consiste em redescobrir sua identidade, uma identidade que vai além da desejada pela tia e que não atende ao estereótipo de esposa imposto pela sociedade patriarcal. Luciane Pokulat (2008) afirma que “a viagem instaura para o viajante uma espécie de pausa na vida deste, provocando a separação do mundo conhecido como desse viajante e colocando-o frente ao desconhecido, do novo, à diversidade” (POKULAT, 2008, p. 03).

Nesse contexto, a viagem interior representa para Joana uma pausa emocionante e deliciosa na vida entediante de casada. Destaca-se o desejo incessante da personagem central da obra em estudo pelo novo, por tudo o que fugia do tédio. Além disso, evidencia-se uma característica da personagem que é o gosto pela surpresa, pelo desconhecido, garantindo-lhe um espírito desbravador, traço, de certo modo, incomum na caracterização das personagens femininas. A viagem de Joana consiste, ainda, na concepção de uma mulher que não se deixou levar pelo posto, ou seja, pelo imposto socialmente. A personagem através da viagem interior foi construindo a sua própria concepção de feminino, agradável aos próprios olhos, repudiada perante o olhar alheio. Há por parte da personagem um interesse constante por esses momentos:

[...] Desejava ainda mais: renascer sempre, cortar tudo o que aprendera, o que vivia, e inaugurar-se num terreno novo onde todo pequeno ato tivesse um significado, onde o ar fosse respirado como da primeira vez. [...] Mas em breve voltou a si mesma, numa queda vertical. Examinou os braços, as pernas. Lá estava ela. Lá estava ela. Mas era preciso se distrair, pensou com dureza e ironia. Com urgência (LISPECTOR, 1980, p. 86).

É perceptível na urgência por achar-se, apresentada por Joana, a definição de viagem abordada por Chevalier (1998). A viagem é apresentada como “o signo e o sentido de uma perpetua recusa de si mesmo, da diversão da qual falava Pascal, e seria preciso concluir que a única viagem válida é a que o homem faz ao interior de si mesmo” (CHEVALIER, 1998, p. 252).

A protagonista de *Perto do coração selvagem* é, por sua própria natureza, enigmática. Seu caminhar representa a intenção de achar-se sempre nova, é um fugir da rotina encontrando sempre um outro eu. Desse modo, seguindo a fórmula de Eliade (1972), Joana, ao viver o mito, sai “do tempo profano, cronológico, ingressando num tempo qualitativamente diferente, um tempo ‘sagrado’, ao mesmo tempo primordial e indefinidamente recuperável” (ELIADE, 1976, p. 21). Ao levar em conta as palavras de Eliade (1972), pode-se pensar no caráter divino que Clarice atribui à mulher interior almejada por Joana, permitindo-lhe exercer o poder de “ser”, pelo simples fato de não ter se deixado disciplinar.

Este questionamento da existência, a partir de uma viagem, permite que Joana viva o dilema das mulheres de Clarice apresentado por Nádia Gotlib (1995), para quem, o dilema das mulheres clariceanas reflete:

[...] o ser gritante mergulhado no mundo da linguagem, deixando-se por ele ser levado, deve conservar ao mesmo tempo a consciência reguladora, garantia de permanência nesse mundo possível. A questão – que é já uma forma de grito – existe aí, nesse próprio conflito: sem ‘as garantias de um título’, o que é a mulher, num mundo cujo lema é salvar-se pela verdade já dita e ser cientista ou padre? (GOTLIB, 1995, p.361).

Vivendo o mito da viagem, Joana mergulha em sua identidade de “fêmea desprezada”, para usar os termos empregados por Gotlib (1995), desprezada pela tia, pelo marido, pela sociedade, adentrando no dilema de ser a mulher que se quer ser, em meio a uma sociedade que poda todos os passos rumos à autodeterminação feminina. Joana explicita-se em linguagem:

Desejava achar-se mais. Chamava-se agora fortemente e não lhe bastava respirar. A felicidade apagava-a, apagava-a... Já queria sentir-se de novo, mesmo com dor. [...] Sua vida era formada de pequenas vidas incompletas, de círculos inteiros, fechados, que se isolavam uns dos outros (LISPECTOR, 1980, p. 106-7).

Essa caminhada interna de Joana, com seus vários círculos, implica, segundo Pokulat (2008), numa viagem à procura de uma referência, de uma identidade que venha preencher o vazio de uma existência plena. Seixo (1998) acrescenta que em cada viagem, o viajante acumula um conhecimento do mundo e do eu. A partir desse acúmulo é que Joana caminha para sua viagem real. Nesse contexto, Clarice Lispector ultrapassa o âmbito interior, garantindo à personagem a possibilidade de uma viagem física e reconhece, também, a importância desse tipo de viagem. Então, ao ficar só, Joana investe suas expectativas numa nova forma de viajar, abrindo-se para novas possibilidades. Segundo Seixo:

Toda viagem se fundamenta numa expectativa, e por isso ela é sempre *corrente*. [...] Expectativa comercial, de conquista, de conhecimento, de mudança, de prazer, expectativa incógnita muitas vezes e talvez seja essa a mais própria da viagem (SEIXO, 1998, p. 30-1, grifo da autora).

Desse modo, o mito garante uma nova vertente, um modo de pensar e compreender os acontecimentos e escolhas da vida, configura-se numa transição que além de apresentar-se como uma solução em momentos diversos, indica caminhos para compreensão e superação das adversidades, como afirma Campbell (1990): “Uma coisa que se revela nos mitos é que, no fundo do abismo, desponta a voz da salvação. O momento crucial é aquele em que a verdadeira mensagem de transformação está prestes a surgir” (CAMPBELL, 1990, p. 49). E é pela experiência mitológica da viagem interior que Joana encontra uma saída para sua vida, é nela que reconhece a possibilidade de ser, viver e percorrer algo novo, enquanto não encontra a sua identidade definitiva.

É pertinente lembrar Chevalier (1998) quando, ao refletir sobre a literatura, diz que “em todas as literaturas, a viagem é uma procura, quer se trate de um tesouro ou de um simples conhecimento, concreto ou espiritual. Mas essa procura, no fundo não passa de uma busca” (CHEVALIER, p. 252, 1998). Clarice faz uso desse mito no seu romance inaugural, ao fazer Joana viver de forma intensa e, em diversos momentos, uma viagem no intuito de se

autoconhecer, de compreender o que é ser mulher e quais caminhos deveria trilhar. Finaliza a narrativa com uma viagem efetiva, pois ao receber o bilhete que anunciava a partida do homem, que ficou com ela após o fim casamento, Joana decidiu partir, andar, e gostava dessa escolha que fizera:

Amava sua escolha e a serenidade agora alisava-lhe o rosto, permitia vir à sua consciência momentos passados, mortos. [...] O navio flutuava levemente sobre o mar como sobre mansas mãos abertas. Inclinou-se sobre a murada do convés e sentiu a ternura subindo vagarosamente, envolvendo-a na tristeza (LISPECTOR, 1980, p. 211).

Com essa viagem que Joana, sempre inquieta, a interrogar-se, parte para um novo destino. A personagem segue um outro caminho que lhe garanta novas descobertas de si, dá asas à liberdade que sempre desejou e encontrou internamente, procurando encontrar a plenitude de seu ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na investigação em torno da obra *Perto do coração selvagem* percebeu-se que Clarice Lispector constrói uma personagem que vive num conflito entre o eu interior e a imposição, via sociedade e família, de modelos de identidade e comportamento que se adequem as estruturas e valores já estabelecidos. Tudo o que desvia ou segue um caminho diferente daquele estabelecido pela cultura tradicional é tido como estranho, como algo que deve ser descartado. Essa personagem pode ser identificada a partir dos diversos corpos expressos pela crítica literária feminista, a exemplo dos *corpos disciplinados e liberados*, que propiciam uma reflexão acerca das formas de leitura da imagem feminina.

A viagem é exemplo de elementos que podem ser identificados nas obras clariceanas e que detêm o poder de causar o questionamento e a saída das personagens da situação de opressão e submissão em que viviam, mesmo que os momentos de liberdade não se eternizem como o fez Joana por meio de sua viagem final. O importante é que tais elementos garantem clareza para personagens e leitores, que, por mais que não sigam determinado caminho, enxergam a possibilidade de trilhá-lo, de alguma forma.

Não se esgota neste artigo, o debate acerca das relações de gênero e da construção da crítica literária feminista. A obra de Clarice Lispector, e tantas que compõem o universo literário, têm muito a oferecer para os que desejam seguir o percurso da crítica feminista, tanto no viés que estuda as *imagens da mulher* quanto no que lida com a mulher enquanto

escritora. Enfim, este trabalho espera ter dado a devida visibilidade para a questão da mulher no meio literário e contribuído com o legado feminista no meio acadêmico.

Referências

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. *Representações da tensão entre o sujeito feminino e a sociedade em Clarice Lispector: uma análise dos contos “A fuga”, “A imitação da rosa” e “Amor”*. Dissertação de mestrado. João Pessoa, 2006.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. “A Modernidade da Escrita Feminina de Clarice Lispector”. In: SOUZA, Eneida Maria de (org.). *Modernidades Tardias*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 187-196.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CALVINO, Ítalo. “A combinatória e o mito”. In: LUCCIONI, Genni et. Alii. *Atualidade do mito*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 75-80.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHEVALIER, Jean. “Viagem”. In: _____. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 12 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GOTLIB, Nádya Batella. *Clarice. Uma vida que se conta*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

POKULAT, Luciane Figueiredo. “O mito da viagem em confissões de Ralfo, uma autobiografia imaginária”. *Literatura em debate*. v. 2, p. ARTIGO 7, 2008. Disponível em: http://www.fw.uri.br/publicacoesliteraturaemdebate/artigos/n3_7-mitoviagemconfissoesderalfo.paf. Acesso em 04 out. 2009.

ROCHA, Iraci Simões da. Notas de aula. *Estrutura da Narrativa: Aspectos Gerais*. Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa. Disciplina: Introdução aos Estudos Literários. Universidade do Estado da Bahia, 2009.

ROMANI, Jacqueline Pitanguy de. *Mulher: Natureza e Sociedade*. In: LUZ, Madel T. (org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

ROSENBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha, 2002.

SEIXO, Maria Alzira. “Poéticas da viagem na literatura”. In: _____. *Poéticas da viagem na literatura*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 11-40.

SILVA, Gilson Antunes. *Eterna e violenta como um pequeno demônio: ética e desejo em Perto do coração selvagem, de Clarice Lispector*. Monografia apresentada ao Curso de Letras do DCH I da UNEB. Salvador: [s.n.], 2009.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.